



## Antonio Cicero, ora poeta, ora filósofo

André Vinícius Pessôa\*

A questão sobre a relação entre poesia e filosofia, que incide sobre suas semelhanças e diferenças, apresentada por Antonio Cicero em “Poesia e filosofia”, ensaio publicado no livro *Finalidades sem fim* (2005); no texto homônimo, publicado na *Folha de S. Paulo* (2007); e no livro também batizado com o mesmo nome, *Poesia e filosofia* (2014); além de outros textos e entrevistas, nasce de uma reiterada pergunta, a partir da qual o filósofo-poeta<sup>1</sup> se deixou levar pelo seu apelo e passou a respondê-la, não apenas uma vez, mas sistematicamente. Sua posição diante da pergunta tem sido clara e imediata: há uma diferença fundamental entre poesia e filosofia. Trata-se, em seu entendimento, de atividades opostas e complementares.

Cicero, no ensaio “Poesia e filosofia”, de *Finalidades sem fim*, para definir a diferença radical que rege a oposição entre poesia e filosofia, se utilizou de conceitos linguísticos como “metadiscurso”, o discurso que fala sobre outro discurso; e “discurso-objeto”, o discurso sobre o qual o outro discurso fala. À nomenclatura desses conceitos, o filósofo-poeta acrescentou a palavra “terminal”, que sinaliza o lugar próprio de suas extremidades. O “discurso-objeto terminal”, “cuja função não é nem falar de discurso nenhum, nem falar sobre coisa nenhuma” (2005, 169), tem como exemplo o poema; e o “me-

\* Pós-doutorando no Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

<sup>1</sup> Poderia ser “poeta-filósofo”, mas se optou aqui por “filósofo-poeta” e, mais adiante, por “filósofo”, pois o foco da abordagem recai sobre sua obra em prosa ensaística e filosófica.

tadiscurso terminal”, “que pode ter como objeto outros discursos e outras coisas, mas que não pode, ele mesmo, ser objeto de nenhum discurso fora de si, pois o único discurso que o tem por objeto é ele mesmo” (2005, 169), por sua vez, é exemplificado pela filosofia. Se por um lado é impossível filosofar fora da filosofia, pois “não é possível falar sobre – ou mesmo falar contra – a filosofia a partir de um discurso que não seja, ele mesmo, filosofia” (2005, 169), por outro, diz Cicero, “nenhum poema é capaz de falar sobre coisa nenhuma ou discurso nenhum sem deixar de ser poema” (2005, 171). O que um poema diz será sempre inseparável das palavras que regem seu dizer, ao contrário da filosofia, em que “os discursos sobre um texto filosófico se multiplicam, porque o que ele tenciona dizer não é inteiramente expresso pelas palavras com que o diz” (2005, 171). Ao contrário do que ocorre no poema, o objeto do conhecimento da filosofia pode ser melhor explicado e apreendido por outras palavras e outros jogos retóricos.

Curiosa e paradoxalmente, foi Platão quem iniciou essa diferença ao expulsar os poetas de sua *polis* ideal. Para Gerd Bornheim, no ensaio “Filosofia e poesia”, o filósofo grego “obteve um êxito surpreendente ao expulsar os poetas de sua República: expulsou-os do reino da filosofia” (2001, 157). A filosofia, que na Grécia Antiga nasceu da poesia, tem entre seus primeiros representantes autênticos poetas-filósofos, mas isso não se deve, como diz Bornheim, “pelo fato exterior de que a maioria dos filósofos pré-socráticos se expressava em verso” (2001, 157). A tradição filosófica posterior, dissociada da poesia, teve em Friedrich Nietzsche um pensador-poeta marginalizado dos cânones filosóficos. Porém, em sua escrita miscigenada “evidenciou-se [...] uma espécie de terreno comum aos dois campos” (2001, 158) que, conseqüentemente, como é sabido, promoveu uma abertura inédita ao futuro do pensamento.

Giorgio Agamben, no prefácio de *Estâncias: a palavra e o fantasma na cultura ocidental*, se refere a essa cisão entre poesia e filosofia, implícita desde Platão e hegemônica na idade moderna, “interpretada no sentido de que a poesia possui o seu objeto sem o conhecer, e de que a filosofia o conhece sem o possuir” (2007, 12). Para o filósofo, a palavra na cultura ocidental se divide entre a inconsciente, ligada ao acaso, que goza de seu objeto do conhecimento ao representá-lo em sua beleza formal, e a consciente, “que tem para si toda a seriedade e toda a consciência, mas que não goza de seu objeto porque não o consegue representar” (2007, 12). Uma esquizofrenia que divide sua incidência em dois polos, um estático-inspirado e outro racional-consciente. Para Agamben, tal cisão aponta para “a impossibilidade da cultura ocidental de possuir plenamente o objeto de conhecimento” (2007, 12). Acrescenta o filósofo:

Na medida em que aceitam passivamente tal cisão, a filosofia deixou de elaborar uma linguagem própria, como se pudesse existir um “caminho régio” para a verdade que prescindisse do problema da sua representação, e a poesia não se deu nem um método nem sequer uma consciência de si (2007, 12-3).

Por ver suprimida na palavra a intenção poética para o conhecimento e o sentido da filosofia para a alegria, Agamben reclama a urgência da cultura ocidental em voltar a “encontrar a unidade da [...] palavra despedaçada” (2007, 13). Para o filósofo, a crítica, que “não representa nem conhece, mas conhece a representação” (2007, 13), surge justamente quando tal despedaçamento atinge seu ponto extremo.

Cicero, em *Finalidades sem fim*, ao aceitar a cisão, faz a opção por uma crítica com viés filosófico. Entre os nove ensaios publica-

dos, escritos entre 1998 e 2003, sete tratam justamente de poesia. Cicero faz metafilosofia quando se refere à filosofia, mas ao discorrer especificamente sobre a poesia, a absorve como objeto de um discurso ensaístico e analítico. O que não impede sua experiência de poeta de se manifestar em breves confissões, nas quais o filósofo se revela como um poeta-crítico ciente de seu ofício criador e um leitor privilegiado de poesia, que cita trechos de poemas e os analisa para exemplificar suas teses.

Bem delimitada a cisão, filosofia e poesia são ocupações muito diferentes para Cicero. A filosofia, a seu ver, requer trabalho e dedicação para alcançar seus objetivos, e a poesia, tida como mais “ciumenta”, exige não apenas isso, mas a mobilização de todo o espírito, o uso de todos os recursos disponíveis, todas as faculdades possíveis, e isso ainda sem oferecer a garantia de uma realização plena, visto que o poeta, para ser poeta, ainda depende de sua produção, isto é, de seus próprios poemas. Pois, “ao contrário do que ocorre com os filósofos, não há poeta que não tenha ao menos uma obra poética. Não se considera poeta quem não tenha composto ao menos um poema” (2012, 48). Já o filósofo, por sua vez, como diz Cicero, pode ser filósofo sem ter a necessidade de escrever sua filosofia. O maior dos exemplos nesse sentido é Sócrates, cuja voz filosófica só veio a se preservar em textos de outros filósofos e historiadores.

Numa entrevista concedida por ocasião do lançamento de seu segundo livro de poemas, *A cidade e os livros*, Cicero afirmou que “o elemento da poesia é o concreto, o particular, o relativo, o temporal, o finito etc., enquanto o elemento da filosofia é o abstrato, o universal, o absoluto, o atemporal, o infinito etc.” (2002). A mesma assertiva é repetida e sustentada em outros textos e entrevistas, mas

em *Poesia e filosofia* Cicero a demonstra paulatinamente através de aproximações do *modus operandi* específico das duas disciplinas. Em sua própria experiência, poesia e filosofia se desdobram a partir de duas premissas que atuam em extremidades opostas de seu espírito. Tal disposição sugere uma presença alternada de duas personas distintas em Cicero:

Creio que posso resumir o modo um tanto peculiar como experimento a relação entre a minha atividade poética e a minha atividade filosófica dizendo que, em mim, quando o filósofo está presente, o poeta não aparece; e à chegada do filósofo, o poeta se retira (2012, 8).

Se seu esforço teórico em discorrer sobre as semelhanças e diferenças entre as duas atividades é por um lado abstrato, por outro, ao fazê-lo, Cicero se mostra partícipe de sua própria experiência singular de poeta e filósofo num desdobrar-se de sua personalidade. Em seus textos críticos, a escrita em prosa argumentativa denuncia a evidência de que o leitor está em contato com o filósofo. Exemplo bem pontual são os pequenos trechos iniciados com as palavras “em suma”, destacados em itálico, posicionados precisamente nos fins dos capítulos 5, 6, 10 e 21 de *Poesia e filosofia*, com a intenção de sumariar para o leitor o que foi exposto antes, funcionando como uma espécie de “chave de ouro” filosófica. Tais trechos apresentam, em sua brevidade, um maior grau de densidade e objetividade em relação ao assunto abordado. O que neles sobressai é tão somente a escrita que cabe à persona filosófica de Cicero, cravando o conhecimento sobre o assunto sem aparentemente deixar margens para outras interferências que o excedam.

Em “Os enunciados filosóficos são proposicionais”, capítulo 11 de *Poesia e filosofia*, Cicero afirma que “a finalidade da obra filosófica é basicamente a manifestação de uma proposição, tese ou doutrina filosófica” (2012, 51), e uma proposição “consiste num enunciado declarativo que em princípio possua valor-verdade, isto é, que seja ou verdadeiro ou falso” (2012, 51). A obra filosófica, em sua especificidade, abriga um conjunto diverso de proposições, porém “cada proposição é incompatível com a proposição que lhe é contraditória” (2012, 52). Do mesmo modo que “uma doutrina filosófica autocontraditória invalida a si própria” (2012, 53), diz Cicero, um filósofo que se contradiz em sua atividade se desqualifica como filósofo.

No capítulo seguinte, “Os enunciados poéticos não são proposicionais”, Cicero especifica que as proposições na poesia têm seu grau de ocorrência, mas apenas figuram como meios e não fins. Portanto, há a possibilidade de proposições contraditórias habitarem um mesmo poema, o que não irá diminuir sua verdade, ao contrário do que ocorreria num discurso filosófico, que desse modo se veria incompatibilizado. Há também poemas que contradizem outros poemas, nos quais uma nova proposição não anula nem desmente a proposição original. Se por um lado a verdade da filosofia em seu sentido mais tradicional e convencional, advinda de Tomás de Aquino, define-se como a “adequação do intelecto e da coisa” (Aquino *apud* Cicero: 2014, 90), por outro a verdade da poesia se estende às suas verdades e, conseqüentemente, às relações entre essas verdades, ou, como disse o poeta Mário Quintana, a poesia vem a ser a “invenção da verdade” (Quintana *apud* Bornheim: 2001, 161).

Em *Poesia e filosofia*, Cicero se utiliza de demonstrações sucessivas para comprovar reiteradamente a afirmativa inicial de

que filosofia e poesia têm princípios, meios e fins diversos. Suas palavras incidem numa pedagogia do poético escrita por um filósofo praticante da poesia, matéria de seu outro “eu” e experimento de sua outra persona, que agora se oculta. Esse duplo jogo de personas manifesta-se em seu texto como uma encenação. “Sou um palco microcômico em que se representa a velha rixa entre a poesia e a filosofia”, afirmou o filósofo-poeta na referida entrevista (2002). A encenação realizada por Cicero é monologada numa prosa direta que acumula perspectivas, se não sistematicamente, em instantes breves, como requer a filosofia tratadística, mas dispostas num denso mosaico argumentativo que se apresenta passo a passo, didaticamente, ao leitor. Ao encenar suas personas em seu “palco microscópico”, Cicero fala do interior da argumentação que engendra sobre a cisão entre filosofia e poesia. Ao engendrá-la, o próprio autor é engendrado como tal, tal como ele é, tal como ele se apresenta em sua bipolaridade homonímica e no convívio desse desdobrar-se.

A teatralização na escrita de Cicero inclui, além do teor argumentativo e demonstrativo, próprio da escrita teórica, a presença propriamente ensaística da primeira pessoa do singular que não se esquiva da confissão de sua própria experiência. O hibridismo da fonte perfaz o hibridismo do texto, numa fusão de argumentação retórica e relato de experiência. Diz Bornheim, em “Filosofia e poesia”, que “todo possível diálogo entre filosofia e poesia se instaura ao menos como ponto de partida, no plano da experiência” (2001, 160). Quando teoriza sobre poesia, mesmo referindo-se a ela em termos abstratos, Cicero não se divorcia da experiência adquirida, que, como a referenciou Bornheim, “é o modo como o homem sabe o mundo” (2001, 161). O texto de Cicero, desse modo, tangencia a possibilidade de um hibridismo textual em potência, o que num

sentido mais amplo pode ser transportado para toda a sua obra, cuja assinatura denota alguém capacitado a discorrer sobre as duas experiências, nele (e a partir dele) distintas e complementares.

Frente à autonomia da poesia e da filosofia, Cicero argumenta que, no caso de uma possível contaminação, ambas sairiam perdendo. O filósofo se coloca contrário a Agamben ao defender tanto a filosofia da ocupação do poético quanto a poesia da contaminação do pensamento filosófico. Essa dupla defesa soa, na perspectiva textual estrita da filosofia como uma advertência aos seus pares, os filósofos que porventura resolverem abrir suas fronteiras de pensamento para as migrações poéticas dirigidas ao reino dos conceitos. Na introdução de *Poesia e filosofia*, Cicero afirma que a poesia “amolece a filosofia” (2012, 8), percepção que o próprio filósofo chega a admitir como logocêntrica, porém plenamente justificada por ele na citada entrevista, ao considerar “o logocentrismo como a condição necessária para que a filosofia possa escapar de contradições e paradoxos autoparalisantes” (2002).

Alberto Pucheu, no ensaio “No e de fora do presente: Antonio Cicero, um poeta do agora”,<sup>2</sup> se opõe a essa divisão *a priori* professada por Cicero. Pucheu considera um exagero essa delimitação tão rígida dos territórios da poesia e da filosofia, por “recalcar uma possibilidade de escrita que, juntamente com a de Platão, talvez seja a maior representante de um hibridismo do poético com o filosófico” (2014, 41-2). O poeta e crítico refere-se a algumas declarações de Cicero contrárias a essa abertura, como a registrada em “Poesia e

<sup>2</sup> Publicado em *Antonio Cicero por Alberto Pucheu*, da Coleção Ciranda da Poesia (2010), e, posteriormente, com este título, no livro *apoesia contemporânea* (2014).

filosofia”, o ensaio publicado na *Folha de S. Paulo* em 2007, em que o filósofo considerava “um erro’ tanto para a poesia quanto para a filosofia qualquer tentativa de apagamento de fronteiras entre elas” (Cicero *apud* Pucheu: 2014, 43), e outra, em entrevista a Nonato Gurgel, na qual destacou que “os textos que, em algum grau, realizam indiscernibilidades entre esses polos do pensamento são ‘teorias literárias pseudo que resultam em péssima poesia e pior filosofia” (2009). Tais posições, menos diplomáticas que as contidas em *Poesia e filosofia*, dizem da oposição vista como necessária entre poesia e filosofia, à qual Pucheu se opõe justamente por estar fundada em “uma determinação no lugar do indeterminado” (2014, 43) e, por isso mesmo, “não levar às últimas consequências a filosofia enquanto ‘crítica radical e sistemática” (2014, 43), contradizendo o próprio Cicero, que definiu a filosofia como “o núcleo do empreendimento moderno de crítica radical e sistemática das ilusões e das ideologias que pretendem congelar ou cercear a vida e, conseqüentemente, congelar e cercear a própria poesia” (2012, 129).

Se as considerações de Cicero são por um lado conservadoras em relação às de Agamben, que propõe o fim imediato da cisão entre filosofia e poesia, por outro lado não deixam de ser uma provocação. Como não possuem desde sua origem uma intenção irônica, como notou Pucheu, a ironia se realiza *a posteriori* e talvez à revelia de seu autor, pois o que ele afirma negativamente – ou nega afirmativamente – diante da fusão entre o poético e o filosófico tende a retornar com força e exceder sua própria experiência com a poesia, por ela mesma ter grande versatilidade como pensamento, e por ele, como poeta, provavelmente ter se tornado “um servo – um servo voluntário e apaixonado, é verdade, mas um servo – da poesia” (2012, 18), tendo a poesia como o seu fim, dobrando-se “às exigências e

aos caprichos – inclusive os silêncios – dela” (2012, 18). Com a vida passada a limpo, transmutada em poesia, ao passar do gênero – o poeta – à espécie – o artista, é subordinada toda e qualquer atividade, inclusive a de filósofo, à poesia. Uma perspectiva indesejável ao filósofo Cícero, ou à sua persona filosófica, que dela se retrairia, mas inescapável a quem, segundo Pucheu, contém uma “grande pegada filosófica” (2014, 44) em seus poemas. A Cícero – se antes poeta que filósofo – serve a afirmativa evocada por Bornheim: “Ser poeta é ser todas as coisas – o camaleão de que falava Keats”<sup>3</sup> (2001, 161).

<sup>3</sup> “*What shocks the virtuous philosopher, delights the camaleon poet* [o que delicia o *camaleon poet* é aquilo que choca, que escandaliza o filósofo virtuoso, isto é, o filósofo integralmente filósofo]” (Keats *apud* Nunes: 2007, 17-8).

## Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *Estâncias: a palavra e o fantasma na cultura ocidental*. Tradução de Selvino José Assmann. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.
- BORNHEIM, Gerd Alberto. “Filosofia e poesia”. In: \_\_\_\_\_. *Metafísica e finitude*. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- CICERO, Antonio. “Poesia: Epos e Muthos”. In: PUCHEU, Alberto (org.). *Poesia (e) filosofia: por poetas-filósofos em atuação no Brasil*. Rio de Janeiro: 7Letras, 1998.
- \_\_\_\_\_. “A cidade e os livros”. 2002. Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/antoniocicero/storm.html>>. Acesso em 13 de setembro de 2015. (Entrevista).
- \_\_\_\_\_. “Poesia e filosofia”. In: \_\_\_\_\_. *Finalidades sem fim: ensaios sobre poesia e arte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, pp. 106-73.
- \_\_\_\_\_. “Poesia e filosofia”. Ilustrada, *Folha de S. Paulo*, 2 jun. 2007. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0206200730.htm>>. Acesso em 31 de maio de 2016.
- \_\_\_\_\_. “Cicero possui a razão e as musas”. 2009. Disponível em: <<http://arquivodeformas.blogspot.com.br/2009/11/cicero-possui-razao-e-as-musas.html>>. Acesso em 15 de setembro de 2015. (Entrevista concedida a Nonato Gurgel).
- \_\_\_\_\_. *Poesia e filosofia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- \_\_\_\_\_. “Poesia e filosofia”. In: FUKELMAN, Clarisse (org.). *Poesia em pauta*. Rio de Janeiro: Oito e Meio, 2014.
- PUCHEU, Alberto. *Antonio Cicero por Alberto Pucheu*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

\_\_\_\_\_. “No e de fora do presente: Antonio Cicero, um poeta do agoral”. In: *apoesia contemporânea*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2014, pp. 13-49.

NOGUEIRA, Arthur (org.). *Encontros: Antonio Cicero*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2013.

NUNES, Benedito. *Hermenêutica e poesia: o pensamento poético*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.